Sétima Parte: No Mercado de Capitais da Flandres: A Casa de Antuérpia e os Metais Alemães.

Capítulo I. — Antecedentes Medievais: a feitoria de Bruges.

a). — As relações entre Portugal e a Flandres na Idade Média.

b). — Os feitores do rei e os carregamentos.

Capítulo II. — A feitoria da Corôa em Antuérpia.

a). — Antuérpia, pórtio da Europa capitalista.

b). — A “Natio van Portugal” e o drama dos metais alemães.

c). — Os feitores do rei e os carregamentos.

Oitava Parte: Cunhagem e circulação dos metais alemães.

Capítulo I. — A prata alemã na Casa da Moeda de Lisboa.

Capítulo II. — Os metais alemães nas rotas de Minas e do Cabo.

Capítulo III. — A crise dos metais alemães e as vicissitudes do sistema.

Nona Parte: O Malôgro do Capitalismo Monárquico.

Capítulo I. — A falência da feitoria oficial de Antuérpia.

Capítulo II. — As contradições do sistema.

Conclusões.

Fontes e bibliografia.

Índice das ilustrações.

Índice geral.

Volume III (a ser impresso também no Instituto de Estudos Históricos “Dr. António de Vasconcelos”, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Textos.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

*
* *

CARRATO (José Ferreira). — As Minas Gerais e os primórdios do Caraça. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Série Brasileira, vol. 317. 1963, 463 pp.

Ao terminar a leitura de “Os primórdios do Caraça”, tivemos a impressão de ter lido um ensaio e uma biografia. Embora o Autor na Introdução tivesse explicado o sentido do seu trabalho, primeiramente a “colocação horizontal e panorâmica das Minas Gerais do século XVIII”, e em seguida o “desenvolvimento historiográfico da reação religiosa do Hospício de Nossa Senhora Mãe dos Homens da Serra do Caraça contra o mundo corrompido e louco das Minas setecentistas”, a impressã que nos ficou foi diversa. Vejamos:

No capítulo I, “As Minas Gerais do século do ouro”, o Autor narra desde a expedição de Fernão Dias Pais até a decadência das minas, referindo-se ao afluxo humano provocado pelas descobertas do metal precioso, aos métodos de exploração, aos sistemas de cobrança dos quintos, à administração das minas, à produção do ouro, aos costumes e cidades, cultura e sociedade. O capítulo II, “A

religião e o clero nas minas gerais setecentistas”, aborda problemas religiosos, tais como, carência de religiosidade, moral dos primeiros padres, sincretismo religioso, ausência de ordens religiosas, irmandades e ordens terceiras, a situação legal dos bispos e vigários. No capítulo III, “A Igreja mineira e sua Hierarquia do século XVIII”, temos as origens dos poderes dos reis sobre a Igreja, em particular em Portugal, o primeiro bispo de Mariana e a estruturação da Igreja Mineira, os bispos.

O conjunto dêesses três capítulos, forma, para nós, um verdadeiro ensaio sobre “Religião e Igreja nas Minas do século XVIII”. Ensaio de valor extraordinário pela análise imparcial da questão, pela riqueza de informações e pela eloquência de suas páginas, entre as quais destacamos a vida de Dom Frei Cipriano de São José, sexto bispo de Mariana, “um homem típico do seu tempo”, “um filho do século das luzes”.

Os capítulos que se seguem é o que nos levou a encarar a obra sob aquêles dois aspectos: ensaio e biografia. O IV, “A crise dos costumes no século I”, parece-nos, na realidade, a introdução ao tema que o Autor se propôs a estudar. Com êle, prepara-se o campo para a colocação do Homem, o Irmão Lourenço. A análise do período é feita de maneira magistral, oferecendo ao leitor um panorama da sociedade mineira do século XVIII, como ainda não se fizera, documentada por exemplos que caracterizam bem a corrupção e a sensualidade provocadas pela opulência de uma época, pela sociedade que se altera com ascensões e quedas financeiras bruscas, assim como pelas influências culturais, sobretudo religiosas, do contacto entre o mineiro arrivista e o negro escravo.

Após esta análise, que poderíamos chamar de “casa grande e senzala das minas”, o Autor indica o rumo que seguirá com o capítulo V, “Eremitas e Santuários”. Verificamos o quanto os costumes de uma época podem afetar alguns homens que, ou se retiram da vida mundana fugindo aos prazeres ou se aproveitam das circunstâncias para fazerem-se eremitas, com a finalidade de esmolar para não trabalhar. Neste capítulo são também estudados os primeiros agrupamentos eremíticos, como o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Macaubas, Casa da Oração do Vale de Lágrimas e a Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinho.

O capítulo VI, “A serra do Caraça”, é a apresentação do cenário geográfico. Descrição detalhada da formação geológica da serra, sua cobertura vegetal, sua fauna, etc. Apresentando o cenário, o Autor justifica sua escolha pelo Irmão Lourenço para o seu recolhimento.

Estudado o **back-ground** sócio-econômico e geográfico, o Autor apresenta no capítulo VII, “O Irmão Lourenço de Nossa Senhora”. A vida desta personagem esquivada para a História recebe novas luzes e, graças a uma análise fria dos documentos, recorrendo à perspicácia indispensável ao historiador, consegue o Autor preencher as lacunas da documentação, refazendo na medida do possível, a bio-

grafia e a obra do Homem. Consideramos, sob o aspecto da técnica, este capítulo como o climax do trabalho.

O capítulo VIII, "O Hospício de Nossa Senhora Mãe dos Homens", focaliza a obra do Irmão Lourenço como construtor e organizador da Instituição. A análise dos hábitos da casa é uma contribuição valiosa para o estudo da sociedade brasileira. No estudo da construção do Hospício, o Autor lança algumas luzes para a vida e a obra do mestre Manuel da Costa Ataíde.

No capítulo IX, "A Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens", são destacados os esforços do Irmão Lourenço no sentido de transformar sua Instituição num "ativo centro de ação missionária e devocional, para a conversão dos povos das Minas Gerais". É necessário lembrar que o apogeu das atividades da Casa coincide com as crises do ouro a partir de 1760 e, sobretudo, nas duas últimas décadas do século XVIII, quando os homens assolados pela miséria e pestes buscam refúgio em Deus.

Os últimos anos de vida do Irmão Lourenço são focalizados no capítulo X, "O fim do Irmão Lourenço e o ocaso de sua obra". É quando o povo das minas começa a falar d'ele com a auréola de santidade e surgem de sua vida versões em que se insinuam milagres. Atormentado com o destino de sua obra, endereça ao Príncipe Regente Dom João o primeiro requerimento solicitando a vinda de frades para o Hospício (1801 ou 1802). Este primeiro requerimento ficará sem resposta assim como o segundo (1805) e o terceiro (1808). Destacamos deste capítulo o estudo da área geográfica coberta pelos irmãos para o recolhimento das esmolas e que o Autor apresenta em forma de parêntese, para explicar uma das causas da decadência econômica do Hospício.

Lamentamos apenas que este aspecto tivesse sido apresentado como parênteses, pois cremos que talvez merecesse maior profundidade e aplicação de gráficos e cartografia.

As últimas páginas dessa grande biografia são dedicadas aos últimos dias do Irmão Lourenço e a uma análise psicológica em que o Homem é "julgado", destacando-se suas qualidades espirituais e suas falhas temporais como administrador. Sombrios e pungentes são os quadros finais, em que o eremita nonagenário "desinteressado e desestimulado pela ausência de colaboração" cai "naquele ramerrão dos longos dias de solidão e do trópico".

"Pobre Irmão Lourenço! Naqueles derradeiros dias, o Hospício de Nossa Senhora Mãe dos Homens é uma casa de fome". Para ele, felizmente, a cegueira impede contemplar o ocaso de sua obra.

Pelo último parágrafo do capítulo o Autor deixa perceber que a obra do eremita não se desfaz e reviveria para "germinar logo depois e as searas produziriam centos de frutos por um".

Deixamos aqui os nossos votos para que o Dr. José Ferreira Carrato continue as suas pesquisas sobre a segunda fase do Caraça, já no século XIX, e nos premeie com o segundo volume de sua obra.

VIRGÍLIO NOYA PINTO